



ESPAÇOS LIVRES E CENTROS URBANOS: O RESGATE DE UMA PARCERIA

GONÇALVES, Izabela Bombo (1); BELOTO, Gislaine Elizete (2);

(1) Arquiteta e Urbanista; Maringá - Paraná; izzabombo@gmail.com

(2) Universidade Estadual de Maringá - DAU; Professor Adjunto; Maringá - Paraná; gebeloto@uem.br

RESUMO

Este artigo objetiva discutir os espaços livres como elementos urbanos de conexão e apropriação pública, para a reconstituição da centralidade que impera no centro tradicional das cidades. Para isso, trabalha com a hipótese de que os espaços livres públicos multifuncionais de simultâneas escalas de abrangência territorial são potencializadores da vitalidade centralizadora que, aos poucos, os centros tradicionais vêm perdendo diante do surgimento de novas centralidades na mancha urbana. Um projeto para o eixo central da cidade de Maringá, estado do Paraná, é apresentado como exemplo. Com ele, questões específicas sobre o projeto original e a expansão da cidade são mostradas; através dele, este artigo aborda os espaços livres sob por três aspectos - paisagem, ecologia e apropriação.

Palavras-chave: espaços livres; centro urbano; projeto urbano.

OPEN SPACE AND URBAN CENTERS: THE RESCUE OF THE PARTNERSHIP

ABSTRACT

This paper aims to discuss open spaces as urban elements of connection and public appropriation for the reconstruction of the centrality that reigns in the traditional urban centers. For this, it works with the hypothesis that multifunctional public open spaces of simultaneous scales of the territorial coverage are potentiating of the centralization power that, slowly, the traditional urban centers are losing before emergence of the new centers in urban area. One design to central axis of the Maringá city, State of Paraná - Brazil, is shown as example. With him, specific questions about initial plan and growth of the city are introduced; through him, this paper approaches the open spaces in three aspects - landscape, ecology and appropriation.

Key-words: open spaces; urban center; urban project.





1 INTRODUÇÃO

Cidade contemporânea, sinônimo de diversidades. Diversidade de paisagem, de escalas, de valores econômicos, diversidade cultural e social. Fruto da globalização, é local de mesclas, de sobreposições e de interpolações de fluxos, de conexões, de usos, de espaços. A dinâmica da cidade produz novas áreas de transformação deixando para trás outras obsoletas e abandonadas, atribuindo novos significados a cada nova área urbana.

Faz parte dessa cidade contemporânea e das dinâmicas que estão nela presentes tanto o centro urbano tradicional quanto as áreas das chamadas “novas centralidades urbanas”. Obviamente que não são as únicas áreas, mas são as de interesse principal deste artigo por também reunirem historicamente os principais espaços de manifestação coletiva. Referimo-nos aos espaços livres, em particular aos de caráter público. Estes que romperam séculos, também romperam significados, tradições, e sua apropriação vem se modificando desde então.

Em meio à dinâmica da cidade, os conceitos também se alteram. O centro tradicional passa por um processo de redefinição da presença de outras centralidades urbanas, alterando assim a estrutura e os movimentos da cidade. A partir disso, e tendo um projeto urbano como pano de fundo, este artigo busca discutir a inserção de espaços livres como elementos de conexão e apropriação pública, para a reconstituição da centralidade que impera no centro tradicional.

O projeto urbano em questão refere-se ao eixo central da cidade de Maringá. Fez-se uma leitura analisando as formas de apropriação e função urbana de alguns dos espaços livres públicos da cidade, cujo destaque recaiu exatamente sobre esse eixo. Ele é composto por uma série de espaços livres alinhados, cuja importância também reflete sua relevância formal, paisagística e histórica.

2 TRÊS ASPECTOS PARA SE OLHAR OS ESPAÇOS LIVRES E AS SUAS RELAÇÕES COM OS CENTROS URBANOS

Se tratando de uma intervenção em espaços livres urbanos fez-se necessário uma busca sobre o que é este espaço, conceituando e verificando que formas assumem, a relação que este estabelece com a sociedade, quais atividades e trocas neles acontecem, buscando maior clareza sobre o espaço a ser intervindo. A grande variedade de tipos leva à procura pelo entendimento deste espaço, onde exercem diferenciadas funções, formas e distribuição pelo solo urbano, conformando padrões que os qualificam e os constituem em sistemas. Os espaços a serem tratados configuram, em seu conjunto, um importante eixo paisagístico na cidade de Maringá, tendo sua conformação fortemente



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



relacionada à qualidade espacial e espaços de interesse coletivo. Desta forma, este artigo deposita o olhar sobre três aspectos considerados principais à temática: a paisagem, a ecologia e a apropriação. Sobre o aspecto da paisagem tem-se esta conformada pelo arranjo entre volumes edificados e os espaços livres. É a expressão física das intervenções humanas que se manifestam no solo em espaços edificados e não edificados (MAGNOLI, 2006). Resultado dos processos contínuos de alteração através da ocupação e gestão do solo urbano, que é fruto das ações biofísicas, sociais, econômicas e políticas (SCHLEE, et al, 2009). A relevância de uma paisagem está contida em sua individualidade e características, sendo a relação espacial, o significado e valores simbólicos que esta passa para seu observador. A paisagem se torna um elemento determinante na percepção do meio urbano, o que demonstra seu poder simbólico. A sensação de pertencimento é desenvolvida quando o indivíduo elenca e identifica marcos na paisagem. São características que ficam gravadas no imaginário e que reforçam a relação entre paisagem e memória, interferindo no campo da história e cultura social (SCHAMA, 1996 apud SCHLEE, et al, 2009, p. 38). Sendo os espaços livres públicos aqueles detentores de significativa manifestação da esfera pública, são fundamentais para a conformação da identidade e relação de pertencimento da população com a cidade.

No quesito ecológico, o espaço livre urbano estabelece forte relação com a vegetação e frequentemente é associado às “áreas verdes”, havendo uma forte relação com as áreas vegetadas, muitas vezes por este remete à qualidade urbana e aos valores culturais apreendidos pela sociedade. Os conceitos ecológicos aplicados às áreas urbanas têm seus antecedentes no primeiro sistema de parques urbanos, o Emerald Necklance, em Boston, finalizado em 1891 e, entre outros, nas Cidades Jardins propostas no final do século XIX por Ebenezer Howard, cujos espaços livres recebem funções específicas de recreação e limitadores do crescimento das cidades. As primeiras décadas do século XX viram o extravasamento da escala de abordagem ecológica, tendo a região como o novo objeto de intervenção. Refere-se aqui ao trabalho do Regional Planning Association of America (RPAA), com destaque especial ao engenheiro florestal Benton MacKaye, e posteriormente, nos anos de 1960, o planejador urbano Ian McHarg. No entanto, o fator “sustentabilidade” apenas passou a ser oficialmente incorporado nas narrativas de planejamento após a publicação, em 1987, do relatório Our Common Future: the Reporto of the World Commission on the Environment and Development. Para se falar sobre a apropriação dos espaços livres públicos, pode-se traçar um comparativo cuja qualidade de vida de uma cidade pode ser medida pela dimensão da vida coletiva que é expressa nas áreas públicas. Estes são locais de lazer, do descanso, da conversa corriqueira, circulação, da troca e sobretudo a possibilidade de encontro (GATTI, 2013, p. 8). É espaço receptor a diversos tipos de



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



atividades, pessoas e usos e a característica de apropriação varia desde pessoas que estão apenas de passagem até aquelas que se ocupam diariamente deles. “Cada um desses arranjos corresponde a uma forma específica de se expor, estabelecer laços, marcar diferenças, fazer escolhas, colocar-se, enfim, na paisagem urbana diante dos outros e em relação a eles.” (MAGNANI, 2005, p. 203). A apropriação dos espaços livres públicos está relacionada à qualificação e gestão destes espaços, variando conforme o poder de acessibilidade das pessoas e o quanto é adequado com relação ao conforto e a capacidade de atender aos diversos usos. Quanto apropriados, esses espaços se tornam de extrema importância para a cidade, tendo papel significativo na expressão da esfera pública e relevante na construção da cidadania e produção cultural, sendo a melhor representação da vida pública. Sua estrutura deve permitir diversidade, seja de pessoas, usos e formas de apropriação, tornando-se o principal lugar das manifestações sociais, políticas e culturais.

Sobre este último aspecto, tal descrição até poderia ser confundida com a descrição do “centro” de uma cidade. A “diversidade” que permeia nas diferentes formas de apropriação aproxima essas duas entidades urbanas - espaços livres e centro; por outro lado, em linhas gerais, há certo antagonismo entre elas quando se trata da paisagem resultante, devido às altas taxas de ocupação do solo normalmente vistas nos centros urbanos, mesmo não sendo as altas taxas um privilégio apenas destas áreas.

A (re)estruturação urbana recente conduz a um processo de redefinição do papel do centro urbano tradicional. O centro, que carregava consigo a ideia de centralidade das funções urbanas, não é mais a única área urbana onde a centralidade se desponta. TOURINHO (2007, p.25) descreve como a centralidade tornou-se independente do centro, distanciando-se conceitual e fisicamente desta. Para a autora, a centralidade “pode conter em si as condições necessárias para que exista a concentração de fluxos diversos – riqueza, informações, decisões, mas também, pessoas e bens materiais – atividades as mais variadas ou especializadas, com a independência de qualquer relação hierárquica referida necessariamente ao Centro da cidade”.

Em termos conceituais, a discussão sobre o centro tomou proporções na década de 1950, quando fenômenos recorrentes motivaram a discussão sobre a realidade dos centros e deu-se início a uma série de questionamentos sobre o que seria o centro, levantando sua essência e características, o papel deste no meio urbano, sua real necessidade, definição de modalidades, que até então era dado como um único. Indaga-se sobre a relação cidade e o centro tradicional, se este seria essencial à área urbana, se deveria ser fortalecido ou se chegaria à ruptura com a cidade. Com o processo de descentralização e a multiplicação de centralidades, tornou-se necessário uma análise de maior



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



complexidade e a formulação de conceitos que identificassem estas novas estruturas urbanas, distinguindo quais são os centros e o seu papel na estruturação das cidades. (TOURINHO, 2007)

Para VILLAÇA (1998) nenhuma área é centro por natureza, esta é fruto de um processo. É conformada pela aglomeração de forças produtivas, um conjunto de instituições sociais e cruzamento de fluxos da cidade. Em termos vinculados à ideia de centro temos este como local de encontros, espaço democrático, local da diversidade e sua sustentação é dada pelas condições de acessibilidade, mobilidade e localização (TOURINHO, 2007, p. 22). O centro está associado a otimização dos deslocamentos de toda comunidade, aquele com maior acessibilidade; é o ponto que supera o restante da cidade em relação ao trabalho e no valor de uso, onde se encontra a maior aglomeração de pessoas e é essa movimentação que garante ao local um valor simbólico.

Novas áreas passam a se tornar centralidades quando o centro não tem mais a capacidade de atender a todo o território. Com a expansão da mancha urbana, áreas passam a adquirir características antes atribuídas somente ao centro e se desenvolvem como tal em função de sua acessibilidade e acúmulo de atividades. VILLAÇA (1998) classifica estes como subcentros, que são como réplicas menores do centro principal. São pontos de concentração do setor terciário ao longo da área urbana que atendem aos requisitos de acessibilidade, mas que são de abrangência limitada, apenas para uma parte da cidade, diferente do centro principal de abrangência total. O autor descreve uma estrutura urbana constituída por centros hierarquizada. Entretanto, a de se considerar a descentralização, as metrópoles sem centro, onde a existência de nenhum ou múltiplos centros de força igualada, sem a presença de centros principais, como o caso da cidade de Los Angeles¹, demonstram a necessidade de interpretações mais complexas.

Sendo o que se mostra é a relativização das forças que imperam a partir do centro diante das novas centralidades, como reestruturá-lo para que reestabeleça ou, ao menos, não perca a sua vitalidade centralizadora? A hipótese deste trabalho é justamente de que são espaços livres públicos multifuncionais de simultâneas escalas de abrangência territorial os potencializadores dos centros urbanos. Vejamos, como exemplo, o projeto desenvolvido para a cidade de Maringá, no norte do estado do Paraná.

¹ Los Angeles, para muitos autores, é modelo de metrópole sem centro “símbolo da aglomeração urbana de altíssima mobilidade espacial – não tem centro, ou tem um centro muito fraco, ou tem muitos centros (o que equivale dizer, não tem nenhum)” (VILLAÇA, 1998, p. 116).





3 MARINGÁ, SEU CENTRO E SEUS ESPAÇOS LIVRES

Cidade ex-nova, parte integrante de um empreendimento imobiliário que compreendia a região norte e parte da região noroeste no estado do Paraná, Maringá foi projetada pelo engenheiro Jorge de Macedo Vieira no ano de 1945. Entre as questões suscitadas pelo plano original e já demonstradas em várias pesquisas, sobretudo proximidade com o modelo de cidade-jardim (REGO, 2009), está a relevância na estruturação da forma urbana inicial que os espaços livres de caráter público tiveram. Envolto pelos principais edifícios públicos, tais espaços eram a expressão da esfera coletiva naquele momento. Além do mais, “davam sentido à organização da forma e da vida urbana” (MENEQUETTI, REGO e BELOTO, 2012, p.104) (Figura 1).

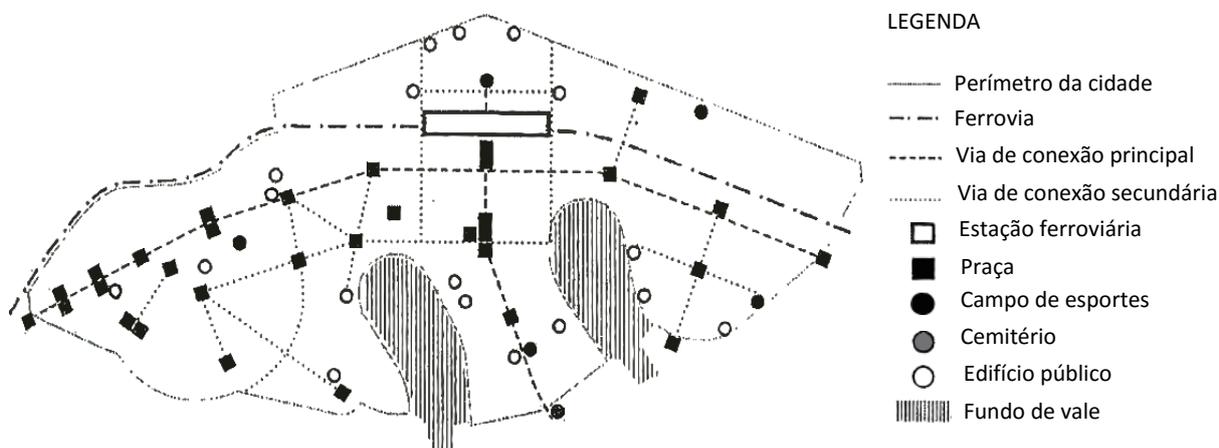


Figura 1: Esquema de estruturação urbana através dos espaços livres públicos originalmente planejados para a cidade de Maringá. Fonte: MENEQUETTI, REGO, BELOTO, 2009, p.105.

Tendo como limites o pátio da estação ferroviária ao norte e os dois bosques projetados a partir das nascentes dos córregos Cleópatra e Moscados ao sul, o centro da cidade foi inicialmente delimitado por um quadrilátero de avenidas, cuja principal linha estruturante era aquela que conectava a cidade à rede urbana implanta na região, ou seja, a ferrovia e a avenida Brasil. Esta porção da cidade seria detentora dos espaços livres públicos mais significativos de todo o plano original. Como se não bastassem os citados bosques e estação ferroviária, havia a proposta de um eixo central no sentido norte-sul, formado por uma série de espaços públicos - área esportiva, estação, praça da estação, boulevard e praça cívica (Figura 2).

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA

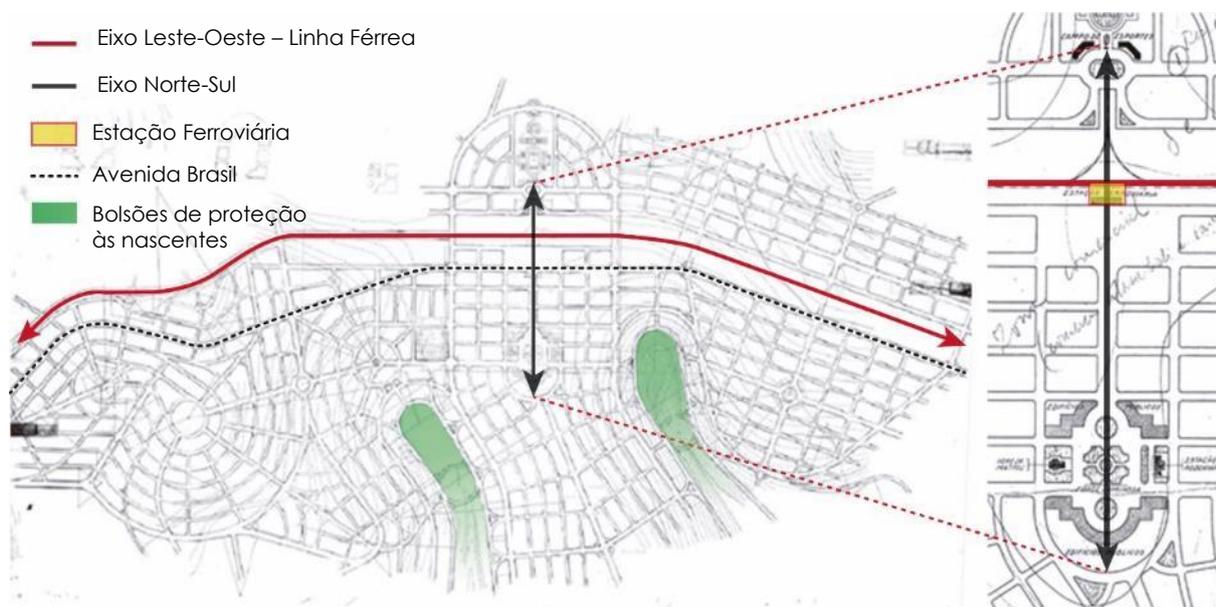


Figura 2: Esquema de eixos. Anteprojeto para a cidade de Maringá, 1945. Organizado por Izabela Bombo com base em imagens do acervo Museu da Bacia do Paraná e Prefeitura de Maringá.

A proposta de Jorge de Macedo Vieira previa centros de bairros além do centro principal. Uma estrutura polinucleada hierarquizada, tanto com relação aos centros quanto com relação às características dos espaços livres públicos que estavam a eles conjugados.

Sendo a avenida Brasil a principal via conectora, era de se esperar que a centralidade por ela se esparramasse. Os centros de bairro também foram se posicionando ao longo das vias de conexões urbanas secundárias e aos poucos foram se expandindo em direção ao centro principal. Diferentemente do que se propunha no plano original, a ampliação do centro principal e seu esparramamento ao longo das avenidas em nada desenha uma nova relação com espaços livres públicos. Nada além das mesmas praças projetadas praças projetadas pelo engenheiro e das amplas vias presentes no plano original.

4 A EXPANSÃO DE UMA CIDADE E DE SEU CENTRO

O eixo estruturador Leste-Oeste, definido pela linha férrea, foi previsto para direcionar o crescimento neste sentido. Assim foi durante três décadas seguintes a sua implantação, na década de 1940. Maringá havia sido planejada para ser uma das capitais regionais, e assim se fez a partir da década de 1960, quando passa a ser ocupada com maior intensidade. O eixo leste-oeste, antes definido como estruturador, passa a atuar como uma barreira à medida que a ocupação urbana seguiu sentido norte-sul. O fluxo neste sentido que se intensificava foi dificultado pela linha férrea e pelo pátio de



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



manobras que conformava um enclave (Figura 3). Este fenômeno já era notável na década de 1970, porém somente em 1985 que se iniciam propostas para a solução do problema.

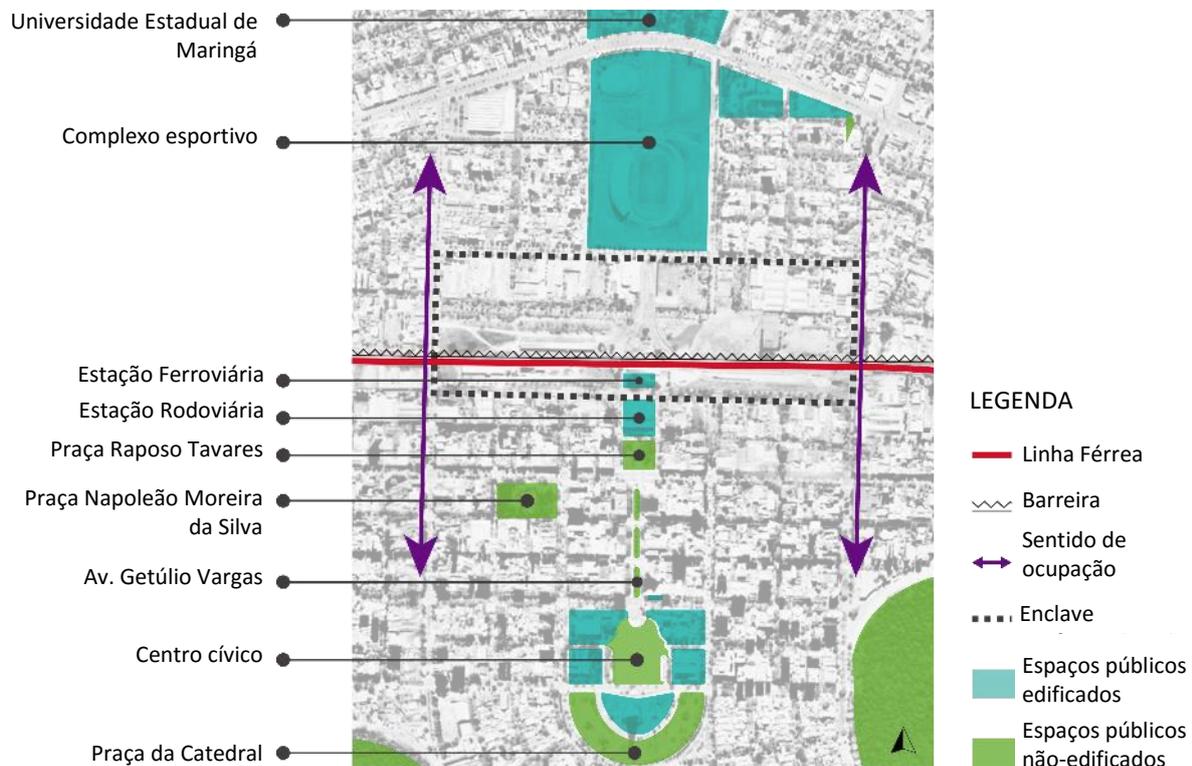


Figura 3: Espaços públicos que delineavam o eixo central na década de 1980. Elaborado por Izabela Bombo com base em foto aérea de 1989, acervo Prefeitura Municipal de Maringá.

No ano de 1985 é criada a Urbamar – Urbanização de Maringá com a finalidade de promover planejamentos seguintes para cidade e esta ficou responsável por viabilizar o rebaixamento da linha férrea e desenvolver um projeto de requalificação da área usada como pátio de manobras ferroviário. Com o rebaixamento da linha férrea surgiram novas áreas passíveis de ocupação, com isso o arquiteto Oscar Niemeyer é convidado para elaborar um plano inicial de reestruturação da área central (FERREIRA, et al, 2013).

As áreas originárias do antigo pátio de manobras e estação ferroviária seriam divididas em três glebas, com cerca de 200 mil metros quadrados cada. A gleba central seria destinada inteiramente ao uso público, local que receberia o plano de Niemeyer. O projeto consistia em uma praça modernista de caráter público denominado “Ágora”. A primeira proposta é de 1986, porém devido a abertura de uma avenida e a venda de lotes que à margeavam houve a redução das áreas que seriam destinadas ao projeto (FERREIRA, et al, 2013). Em 1991 houve uma segunda proposta, mas que pela

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



complexidade das soluções adotadas e a falta de recursos, não foi executada. Em seguida, no ano de 1993, é criado Plano Diretor do Novo Centro de Maringá que promoveu o parcelamento tradicional e transformou parte do espaço de caráter público em privativo, perdendo espaços destinados à coletividade. A gleba C, destinada inteiramente ao uso público com cerca de 200 mil metros quadrados, teve dessa forma uma redução significativa, conformando hoje cerca de 40 mil metros quadrados, tendo mais de 75% de perda (Figura 4). Os lotes que foram comercializados tiveram a maximização do potencial construtivo, como forma de se tornar atrativo à implantação de grandes empreendimentos (MENEQUETTI, 2007).

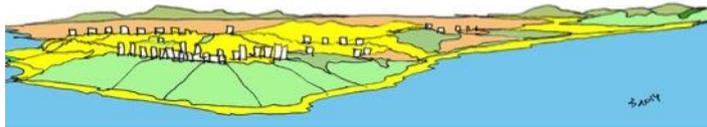


Figura 4: Antigo pátio de manobras e área destinada ao rebaixamento da linha férrea. Elaborado por Izabela Bombo com base em foto aérea de 1989, acervo Prefeitura Municipal de Maringá.

Atualmente o eixo central da cidade de Maringá é conformado pelo alinhamento dos espaços públicos previstos no plano original, que já delineavam o eixo, e aqueles originários do rebaixamento férreo. Estas áreas ainda mantêm-se como as de maior apropriação do cidade e tem grande representatividade na expressão da esfera pública. Estes são destinados ao uso coletivo da população, conformando praças, locais de recreação e estar. Dentre eles só não recebeu esta destinação a quadra da antiga rodoviária, que após ser demolida no ano de 2010 teve seu terreno transformado em estacionamento. O “centro antigo”, por ser a primeira porção da cidade a consolidar-se, é envolvido por significativas edificações que tiveram destaque no passado e que juntamente aos espaços públicos são de grande relevância histórica para o município. O eixo também é contemplado por importantes equipamentos de infraestrutura e cultura (Figura 6). Nesta porção central é predominante atividades comerciais e tem-se um número reduzido de uso habitacional. O tecido urbano do centro é denso, sendo ainda mais compacto na ocupação do Novo Centro. Neste os lotes privados foram ocupados predominantemente por edifícios comerciais e residenciais com sobreloja. Estes apresentam uma taxa de 90% do lote construído, contrastando com



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



o centro antigo de maior porosidade. As áreas que permaneceram de uso público parte foi destinada à travessa Jorge Amado, ao terminal urbano e o restante transformadas em estacionamentos abertos. Estes estacionamentos juntamente ao terreno da antiga rodoviária conformam áreas áridas e inóspitas, sendo repulsiva à passagem de pedestres. Estes espaços se encontram desconexos com seu entorno e entre si, descaracterizados e residuais, interferindo de forma significativa no eixo de apropriação conformado pelos espaços livres públicos previstos no plano.

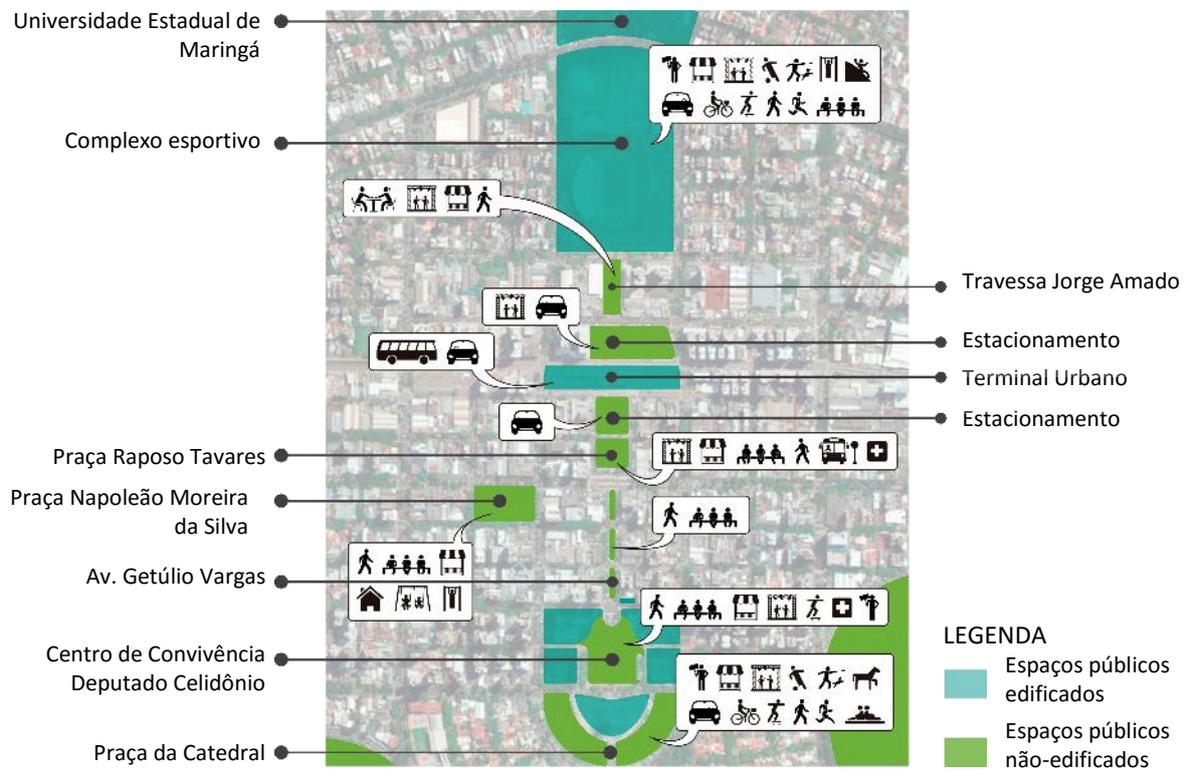
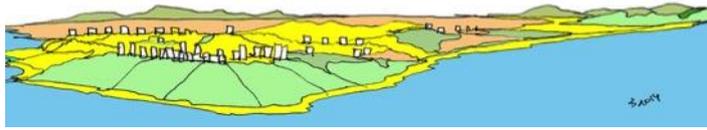


Figura 5: Espaços públicos que conformam o eixo central, seus usos e formas de apropriação. Elaborado por Izabela Bombo com base em foto aérea Google Earth 2015.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



EDIFÍCIOS HISTÓRICOS AO LONGO DO EIXO CENTRAL

CINE TEATRO PLAZA

Inaugurada em 1963. Recebeu inúmeros eventos de cunho cultural. Hoje se encontra desativada.



CMNP

Edifício que abrigada a sede da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.



CENTRO COMERCIAL

A obra, com suas amplas sacadas, serviu de arquibancada aos eventos festivos e manifestações sociais.



HOTEL BANDEIRANTES

Obra de 1955 destinada a receber possíveis investidores. Se encontra desativada.



ESTAÇÃO FERROVIÁRIA
Inaugurada no ano de 1954, reconstruída em 1970 e demolida em 1991.



ESTAÇÃO RODOVIÁRIA
Inaugurada em 1963. Ponto de chegada da cidade. Foi demolida no ano de 2010.



CINE MARINGÁ
Primeiro cinema da cidade construído na década de 1950. Hoje abriga a Igreja Universal.



BIBLIOTECA MUNICIPAL
Inaugurado em 1974. Hoje seu uso foi deslocado e se encontra desativada.



CATEDRAL NOSSA SENHORA DA GLÓRIA
Concluída em 1972. Por sua escala monumental tornou-se ponto referencial

EQUIPAMENTOS AO LONGO DO EIXO CENTRAL

SESC MARINGÁ

Construído na década de 1980. Privado porém apresenta atividades culturais gratuitas



CMNP

Inaugurado em 2010.



BIBLIOTECA MUNICIPAL

Deslocada para o local em 2014.



TERMINAL URBANO

Inaugurado em 2004. Único terminal do município.



VIA ESTAÇÃO

Obra da década de 2000, compreende uma galeria comercial que conforma uma travessa pública.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
Fundada em 1969.



COLÉGIO ESTADUAL DR. GASTÃO
Fundado na década de 1950

COMPLEXO ESPORTIVO JAIME CANET



ESTÁDIO WILLIE DAVIDS
Inaugurado no ano de 1976.



GINÁSIO CHICO NETO
Inaugurado em 1976, juntamente ao estádio.



VILA OLÍMPICA
Inaugurada no ano de 2008.



PREFEITURA MUNICIPAL
Concluída na década de 1970. Localizada junto ao Centro

Figura 6: Edifícios históricos e equipamentos ao longo do eixo Central. Elaborado por Izabela Bombo. Imagens Museu da Bacia do Paraná, Prefeitura do Município, <http://www2.maringa.pr.gov.br/site/>, Google Earth 2015 e acervo pessoal.





5 UMA PROPOSTA PARA CONECTAR E PARA POTENCIALIZAR O CENTRO

Com relação ao processo de crescimento da cidade de Maringá, é evidente o desinteresse em destinar em implantar espaços livres públicos em áreas de ocupação recente, sobretudo se compararmos com o plano original da cidade. Os espaços existentes sofrem com a falta de manutenção e se encontram em desgaste constante, descaso também evidenciado na perda do interesse coletivo.

A cidade, apesar de apresentar centros secundários, ainda conforma um centro principal correspondente a primeira porção consolidada da cidade. Esta área ainda é de forte representatividade e é nela que se encontram os espaços livres públicos de maior relevância, tanto pela localização e paisagem quanto por seu valor histórico e social, sendo as áreas mais utilizadas pela população, o que não significa que não sejam negligenciadas pelo poder público.

Mesmo em vista da carência de espaços livres públicos na porção periférica ao plano original da cidade (cf. MENEGUETTI, REGO E BELOTO, 2009; MENEGUETTI, 2009), a perda da sequência dos espaços livres de apropriação pública ao longo do eixo central, dando lugar a áreas privadas como estacionamentos de veículos ou mesmo terminal de transporte coletivo, fez com que direcionássemos nossos olhares para o centro de Maringá.

Os espaços livres públicos resultantes do rebaixamento da linha férrea, apesar de se encontrarem alinhados com aqueles previstos no plano original, conformando o eixo central, tem este ideal corrompido em função dos recentes usos aferidos a estas áreas. Juntamente com o terreno onde havia o edifício da rodoviária, foram implantados bolsões de estacionamentos privados que, ao somar-se com o terminal transporte coletivo urbano que se localiza imediatamente na sequência, provocam uma ruptura na paisagem do eixo e na sequência de espaços voltados à apropriação pública.

Em análise aos edifícios implantados e propostas de projeto feitas para estas áreas críticas, fica evidente a tentativa de continuidade do eixo central e a forte representatividade que este exerce no centro da cidade, demonstrando seu papel simbólico (Figura 7). Propõe-se então uma intervenção que dê continuidade a estes espaços e que também seja capaz de catalisar futuras ocupações, intensificar existentes e retomar o valor de centralidade cívica, paisagística, institucional e histórica à área. Propõe-se uma redefinição de centralidade, onde o atrativo principal se torna os espaços livres públicos, incentivando a expressão da esfera pública e preservando a memória.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



EDIFÍCIOS IMPLANTADOS NO PASSADO E PROPOSTAS DE PROJETO PARA O NOVO CENTRO

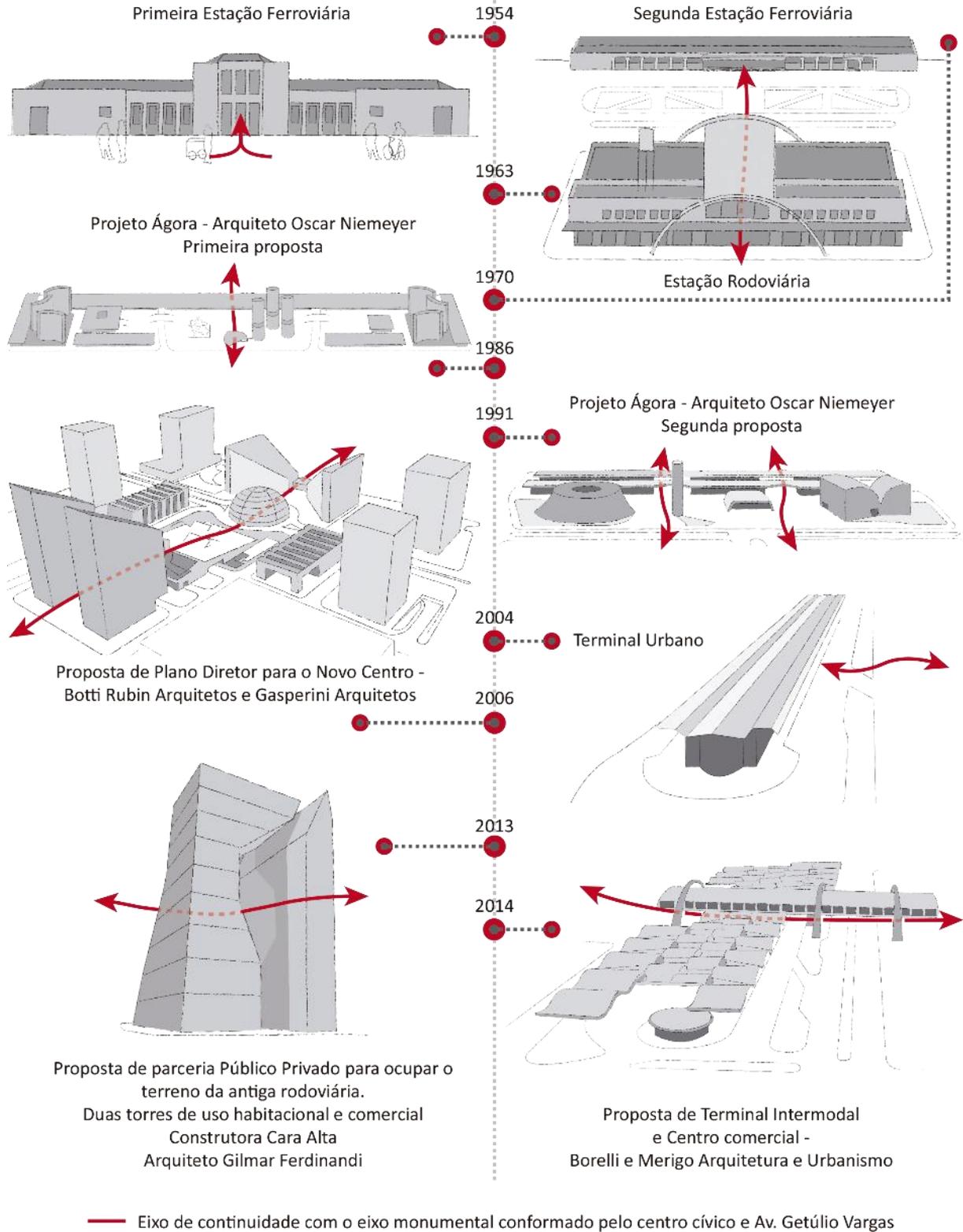


Figura 7: Edifícios implantados no passado e propostas de projeto para o novo centro. Elaborado por Izabela Bombo.



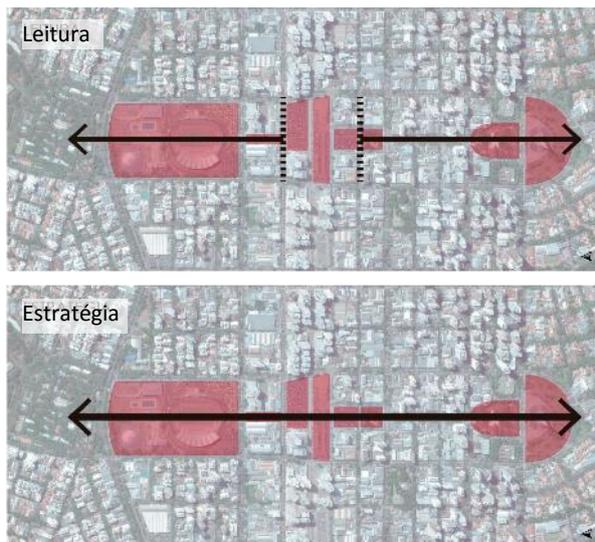
XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Como estratégia propõe-se quatro abordagens: continuidade, fluxos e percursos de pedestres, relação com o entorno e apropriação dominante. A ruptura da paisagem e de apropriação conformada pelos terrenos da antiga rodoviária e do rebaixamento da linha férrea é fruto do uso destinado à estas áreas, provocando uma quebra da sequência de espaços livres públicos do eixo central destinados a atividades ao ar livre e desta forma não estabelecem relação com seu entorno. A proposta é reestabelecer a conexão destas áreas conformando um eixo de continuidade paisagística e de apropriação. Estas áreas também conformam uma barreira para pedestres, seu uso como estacionamento dificulta a passagem (Figura 8). É proposto que estas áreas recebam novos usos que sejam convidativos à circulação de pessoas, privilegiando a coletividade, e que também promova a continuidade de passagem entre os espaços livres públicos. Os usos atuais destas áreas não conseguem estabelecer relação com seu entorno, desta forma propõe-se que estes estabeleçam melhores relações e que se comuniquem com as atividades que os contornam. Por fim busca-se a inversão dos valores atuais: privilegiar o pedestre em detrimento ao automóvel. Desta forma propõe-se uma alternativa à estes estacionamentos de forma que estes espaços recebam usos mais democráticos (Figura 9). É entendido que a área mais crítica do eixo são os terrenos da antiga rodoviária e aqueles originários do rebaixamento.

ESQUEMA DE ESTRATÉGIA DE PROJETO

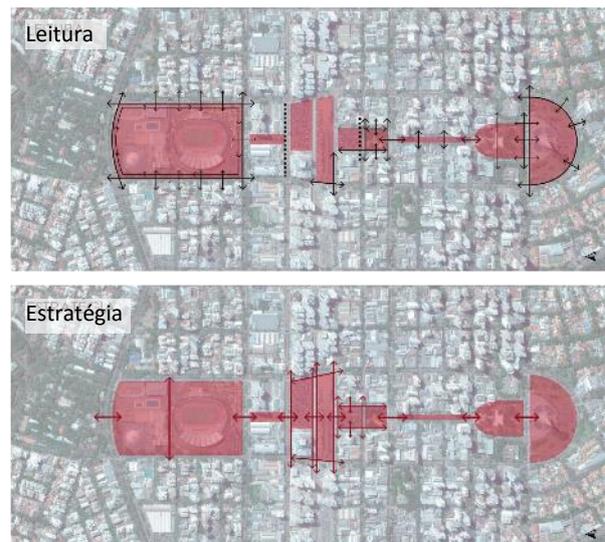
Continuidade



LEGENDA

- ↔ Eixo de continuidade paisagística e de apropriação
- Conformação de barreira / área de ruptura

Fluxos e percursos de pedestres



LEGENDA

- ↔ Circulação e percursos predominantes de pedestres
- Conformação de barreira para pedestres
- ↔ Criação e fortalecimento de linhas de circulação

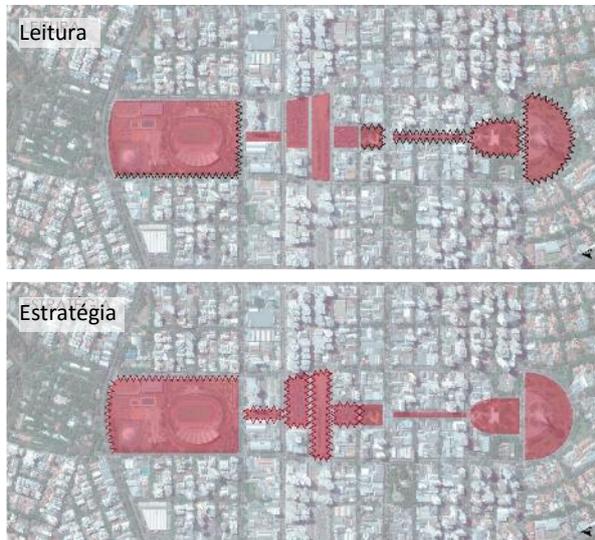
Figura 8: Esquema de estratégia de projeto. Fonte: Elaborado por Izabela Bombo. Imagem aérea Google Earth 2015.





ESQUEMA DE ESTRATÉGIA DE PROJETO

Relação com o entorno



LEGENDA

- ^^ Espaço que estabelece relação com seu entorno
- ^^ Estabelecer relação dos espaços com seu entorno

Apropriação dominante



LEGENDA

- Eixos de passagem com predominância de pedestres
- ... Conflito entre pedestres e veículos
- Criação de eixos preferenciais para pedestres
- ... Estabelecer melhor conexão de pedestres

Figura 9: Esquema de estratégia de projeto. Elaborado por Izabela Bombo. Imagem aérea Google Earth 2015.

6 A INTERVENÇÃO

A relação da população com a cidade é conformada pela utilização de seus espaços. O movimento das pessoas e suas formas de ocupação é que garantem significados aos espaços e a vitalidade da cidade. Sendo a escala prioritária a do pedestre opta-se pela criação de espaços fluidos e permeáveis que incentivem a livre apropriação. O programa de atividades foi pensado para retomar o ideal de centro cívico idealizado no plano inicial, propondo usos e atividades que se mostram necessárias e carentes no município, e configurar o eixo de continuidade paisagística e de apropriação. Privilegia-se o espaço coletivo e a vida urbana existente. Desta forma, combina-se usos culturais, institucionais, de infraestrutura e lazer para garantir um espaço público cheio de vida. Espaços flexíveis, convidativos à população e preparados para a imprevisibilidade da cidade.



É reconhecível a animação urbana do centro, movida pela presença da zona comercial mais significativa da cidade. Os espaços livres públicos do eixo central, envoltos por estas atividades, recebem movimento constante de pessoas no dia-a-dia, porém, a vitalidade notável no período diurno se dilui com o encerramento das atividades comerciais e de noite estes espaços se tornam desertos e pontos de insegurança. Propõe-se um novo zoneamento, criando uma frente comercial que circunda os espaços livres públicos do eixo central, visando atividades que atendam tanto o período diurno como noturno. Desta forma potencializa-se o uso dos espaços (Figura 10, item 1).

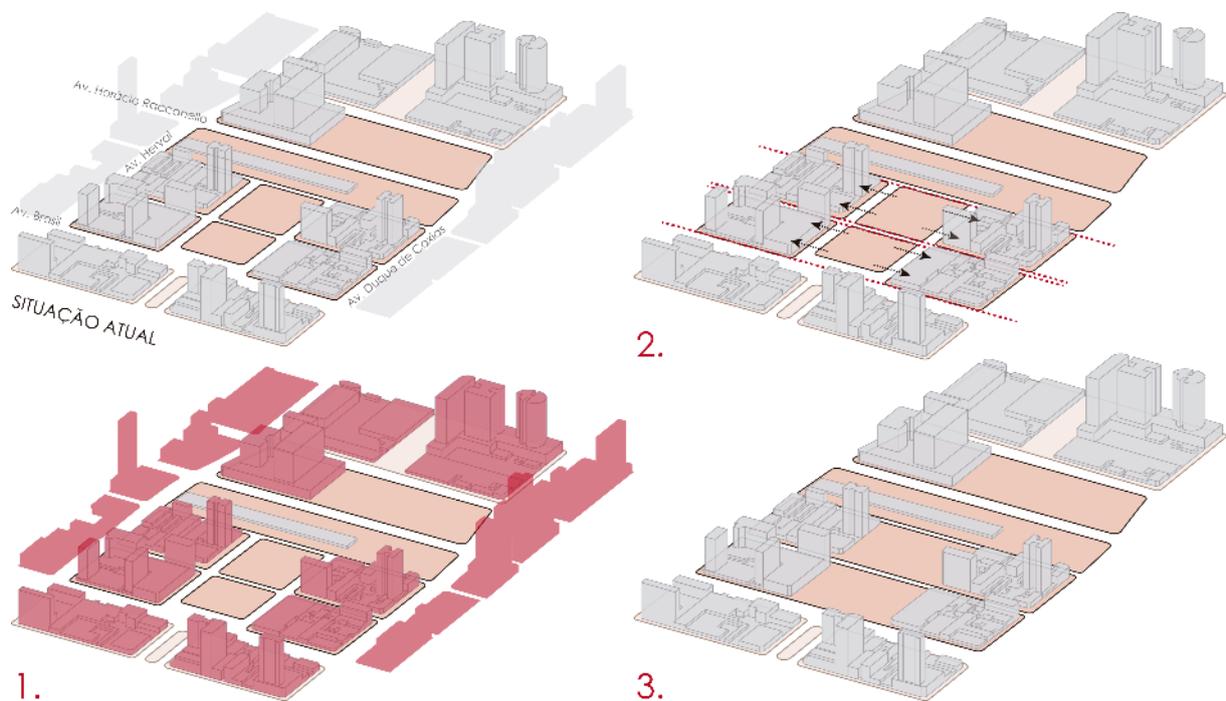


Figura 10: Esquema partido 1, 2 e 3. Elaborado por Izabela Bombo.

O conflito entre veículos e pedestres existentes levou à revisão da amarração entre espaços propondo assim a retirada de parte das faixas de estacionamento, onde se encontra o maior fluxo de pedestres, ampliando assim o passeio público e conformando calçadas mais generosas (Figura 12).

Um dos terrenos do rebaixamento da linha férrea foi desmembrado e perdeu sua integridade pública. Hoje o lote que foi perdido segue a mesma lógica de ocupação do Novo centro: 90% do lote ocupado e verticalizado. Esta ocupação configurou um volume edificado marcante na paisagem. Em vista desta realidade, propõe-se a implantação de uma edificação no lado oposto da quadra, em contraponto à massa já existente, afim de estabelecer um equilíbrio de volumes na paisagem (Figura 12, item 5).

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA

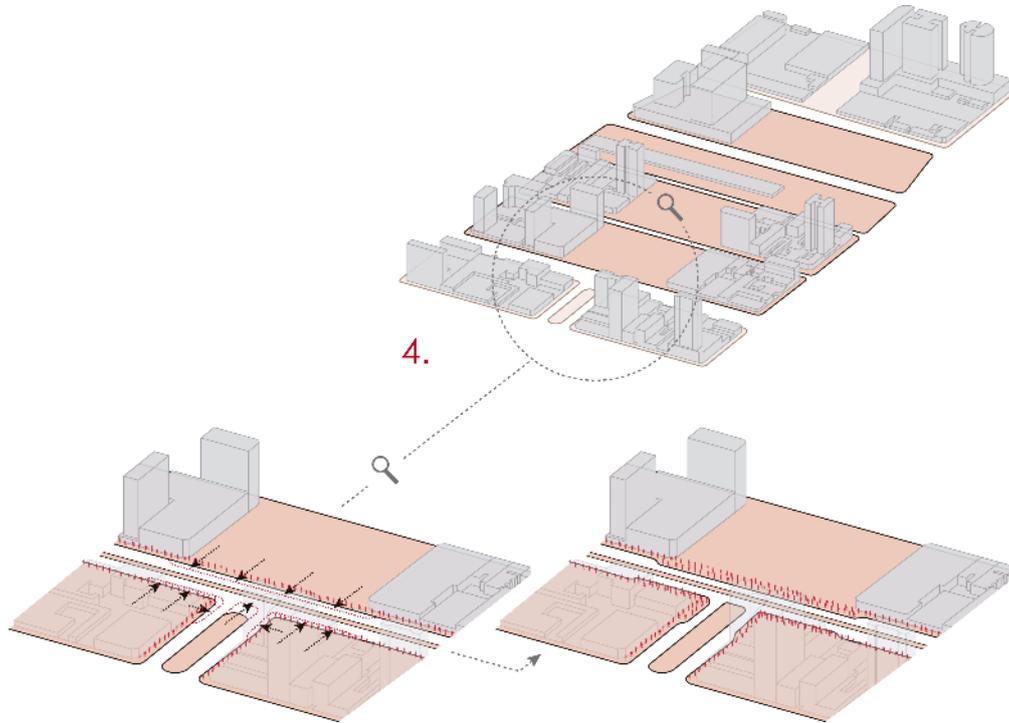


Figura 12: Esquema partido 4. Elaborado por Izabela Bombo.

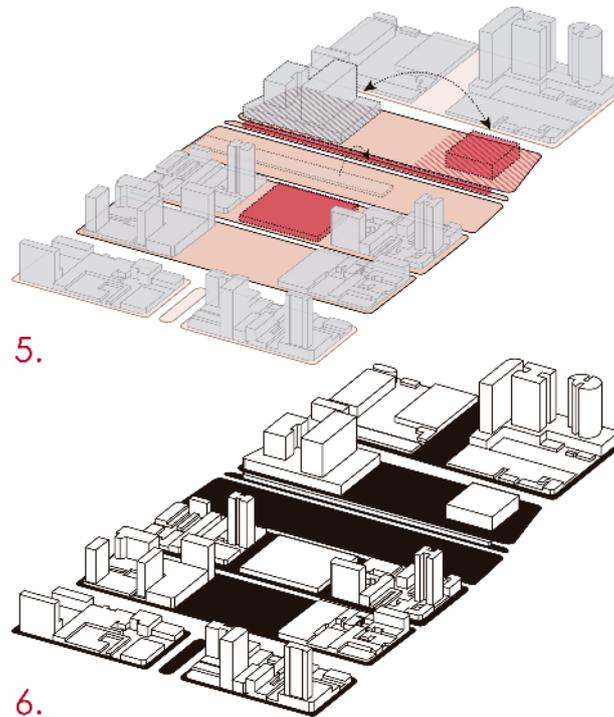


Figura 12: Esquema partido 5 e 6. Elaborado por Izabela Bombo





Cria-se um sistema intercalado de espaços livres e edificados (Figura 12, item 6). A cota da rua permeia os edifícios propostos e procura se enquadrar na linha de visão do observador.

Para área que é um verdadeiro nó do transporte coletivo, onde se encontra o único terminal urbano do município e para onde todas as linhas convergem, propõe-se um plano de mobilidade que visa proporcionar maior eficiência para o sistema de transporte público. Com o novo plano é possível que o terminal central seja reduzido em tamanho e como forma de continuidade de fluxo no eixo central, propõe-se a fragmentação deste em duas partes, deixando uma área de passagem livre (Figura 14, item 8).

Como forma de potencializar a apropriação do toda essa área, propõe-se a ocupação do subsolo e do escalonamento do terreno, promovendo sua duplicação (Figura 14, item 9). Os estacionamentos que antes ocupavam o nível da rua são relocados para o subsolo de forma que sirvam de infraestrutura de apoio aos novos equipamentos que ocuparão a área de intervenção.

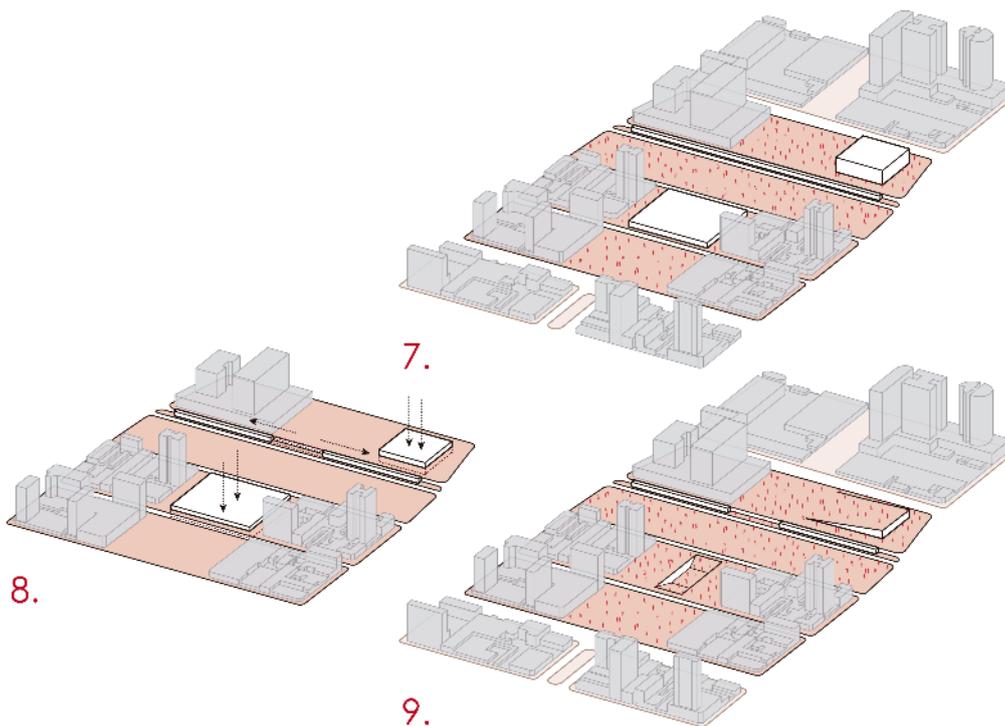


Figura 13: Esquema partido 7, 8 e 9. Elaborado por Izabela Bombo.

Através da revisão do sistema de transporte público e da implantação de ciclofaixas, procura-se investir em infraestrutura de transportes alternativos, buscando melhor qualidade de serviço e eficiência, induzindo o aumento de usuários e reduzindo desta forma o número de veículos individuais (Figura 14, item 10).

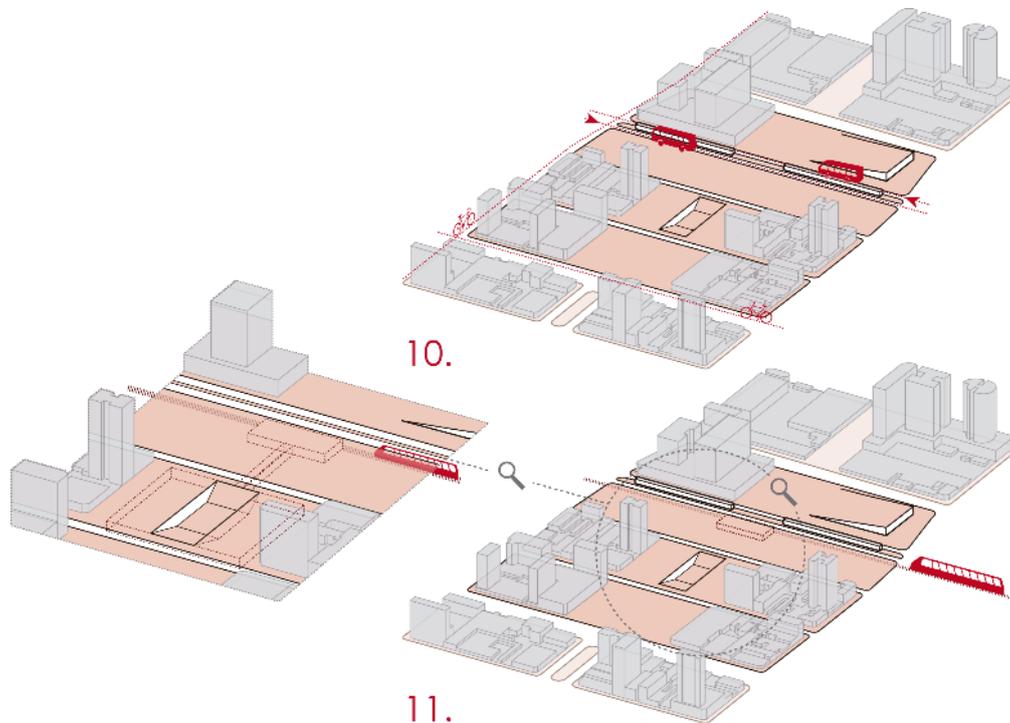


Figura 14: Esquema partido 10 e 11. Elaborado pela autora.

7 CONCLUSÃO

O artigo parte do pressuposto de que o espaço livre público pode ser utilizado como elemento reestruturador dos centros urbanos tradicionais, resgatando sua força centralizadora através da apropriação. O centro, assim como os espaços livres públicos, tem sua vitalidade em função do movimento de pessoas, desta forma, demonstrou-se a capacidade do projeto de espaços livres públicos de recuperar áreas de uso coletivo, combinando usos culturais, institucionais, de infraestrutura e lazer, tornando-as o *core* catalisador de novas formas de apropriação e de promoção da manutenção do centro da cidade.

No caso específico do projeto para o centro de Maringá, as áreas de intervenção escolhidas estão vinculadas à necessidade de recuperação de seu domínio coletivo e vinculação com seu entorno, desta forma, através da conformação de um eixo paisagístico e de apropriação busca-se a articulação de usos e espaços, integrando estes ao seu meio urbano de forma que se tornem locais da expressão social, onde a escala prioritária é a do pedestre, e assim, garantindo a recuperação de espaços de interesse coletivo e resgate da memória, retomando o ideal de centralidade cívica conferida à área.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



8 REFERÊNCIAS

FERREIRA, Jeanne Christine Versari; CORDOVIL, Fabíola Castelo de Souza; VERRI JUNIOR, Aníbal. O Projeto Ágora: análise das composições arquitetônicas de Oscar Niemeyer para Maringá. In: IX Encontro Tecnológico de Engenharia Civil e Arquitetura, 2013, Maringá. Anais..., 2013.

GATTI, Simone. Espaços Públicos. Diagnóstico e metodologia de projeto. São Paulo: ABCP, Coordenação do Programa Soluções para Cidades, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. Revista Tempo social, São Paulo, v. 17, n. 2, nov. 2005. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200008#nt> Acesso em: 8 jun. 2016.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Espaço livre – Objeto de Trabalho. Revista Paisagem e Ambiente: Ensaio, São Paulo: FAUUSP, n. 21, 2006.

MENEGUETTI, Karin Schwabe. De cidade-jardim a cidade sustentável: potencialidades para uma estrutura ecológica urbana em Maringá-PR. 205 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo: FAUUSP, 2007. <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-19052010-105818/pt-br.php>>. Acesso em: 23 de mar. 2015.

MENEGUETTI, K. S. ; REGO, R. L. ; BELOTO, G. E. . Espaços livres e paisagem na mancha urbana de Maringá-PR. In: CAMPOS, A.C.; QUEIROGA, E. F.; GALENDER, F.; DEGREAS, H. N.; AKAMINE, R.; MACEDO, S. S.; CUSTÓDIO, V.. (Org.). Quadro dos sistemas de espaços livres nas cidades brasileiras. 1ed.São Paulo: FAUUSP, v. , p. 103-116, 2012.

MENEGUETTI, Karin Schwabe; REGO, Renato Leão; BELOTO, Gislaine Elizete. Maringá – A paisagem urbana e o sistema de espaços livres. SIBiUSP – Portal de Revistas, São Paulo, n. 26, 2009. <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/77344/81193>>. Acesso em: 23 de mar. 2015.

REGO, Renato Leão. As cidades plantadas: os britânicos e a construção da paisagem do norte do Paraná. Londrina: Humanidades, 2009.

SCHLEE, M. B. et al. Sistema de espaços livres nas cidades brasileiras – Um debate conceitual. Revista Paisagem e Ambiente: Ensaio, São Paulo: FAUUSP, n. 26, 2009.

TOURINHO, A. O. et al. Do centro às novas centralidades: uma trajetória de permanências terminológicas e rupturas conceituais. Cidade: Impasses e Perspectivas. Revista Arquitectes, São Paulo: Anna Blume/FUPAM /FAUUSP, v. 2, p. 11-28, 2007.

